

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE
SISTEMAS

NICOLAS BENTO

**Framework AOP utilizando técnicas de
Bytecode Engineering**

Trabalho de Conclusão apresentado como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de
Sistemas

Prof. Márcio Torres
Orientador

Rio Grande, fevereiro de 2014

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Bento, Nicolas

Framework AOP utilizando técnicas de Bytecode Engineering / Nicolas Bento. – Rio Grande: TADS/FURG, 2014.

49 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (tecnólogo) – Universidade Federal do Rio Grande. Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Rio Grande, BR-RS, 2014. Orientador: Márcio Torres.

1. AOP, Bytecode Engineering, Meta-programação, Framework, SoC. I. Torres, Márcio. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Reitor: Prof. Cleuza Maria Sobral Dias

Pró-Reitor de Graduação: Prof. Denise Varella Martinez

Coordenador do curso: Prof. Tiago Lopes Telecken

FOLHA DE APROVAÇÃO

Monografia sob o título "*Framework AOP utilizando técnicas de Bytecode Engineering*", defendida por Nicolas Dias Bento e aprovada em ?? de ?? de ???, em Rio Grande, estado do Rio Grande do Sul, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Márcio Torres
Orientador

Prof. NOME
IFRS - Campus Rio Grande

Prof. NOME
IFRS - Campus Rio Grande

"A mente que se abre a uma nova ideia jamais volta ao seu tamanho original."

— ALBERT EINSTEIN

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ...

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	8
LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE TABELAS	10
RESUMO	11
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Objetivo	13
1.2 Motivação	13
1.3 Resumo dos capítulos	14
2 ASPECT ORIENTED PROGRAMMING	15
2.1 Definição	15
2.2 História	15
2.3 Principais conceitos	16
2.3.1 Tipos de combinação	17
2.4 Benefícios	18
2.5 Considerações finais	19
3 BYTECODE ENGINEERING	20
3.1 Fundamentos de bytecode	20
3.2 Definição	20
3.3 Vantagens	21
3.4 Ferramentas	21
3.4.1 Javassist	21
3.4.2 BCEL	22
3.4.3 ASM	22
3.5 Considerações finais	22
4 METAPROGRAMAÇÃO	23
4.1 Definição	23
4.2 Benefícios	23
4.3 Principais conceitos	24
4.4 Anotações em Java	24
4.4.1 Definição	24
4.4.2 Conceitos	25
4.4.3 Utilidades	25

4.4.4	Exemplo	26
4.5	Reflexão em Java	26
4.5.1	Aplicações	27
4.5.2	Funcionamento	27
4.5.3	Lendo anotações	27
4.6	Considerações finais	28
5	TECNOLOGIAS E FERRAMENTAS UTILIZADAS	29
5.1	Eclipse	29
5.2	Java 7	29
5.3	JavaAgent	30
5.4	Javassist	30
5.5	Considerações finais	30
6	SOLUÇÕES EXISTENTES	31
6.1	PostSharp	31
6.2	AspectJ	31
7	O FRAMEWORK	32
7.1	Introdução	32
7.2	Análise e projeto	33
7.2.1	Especificações do projeto	33
7.2.2	Fluxograma	34
7.2.3	Diagrama de classes	34
7.2.4	Diagrama de sequência	37
7.3	Implementação	38
7.3.1	Primeiros passos	38
7.3.2	Premain	39
7.3.3	Transform	39
7.3.4	Combinador	43
8	ESTUDO DE CASO - INSTRUMENTAÇÃO	44
9	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS	46
	GLOSSÁRIO	48
	APÊNDICE A VERSÃO COMPLETA DOS DIAGRAMAS	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AOP	<i>Aspect Oriented Programming</i> (Programação Orientada a Aspectos)
SoC	<i>Separation of concerns</i> (Separação de Interesses)
OOP	<i>Object Oriented Programming</i> (Programação Orientada a Objetos)
PARC	<i>Palo Alto Research Center</i> (Centro de Pesquisa Palo Alto)
SQL	<i>Structured Query Language</i> (Linguagem de Consulta Estruturada)
YAGNI	<i>You aren't gonna need it</i> (Você não vai precisar dele)
XP	<i>Extreme Programming</i> (Programação Extrema)
Javassist	<i>Java Programming Assistant</i> (Assistente de Programação Java)
BCEL	<i>Byte Code Engineering Library</i>
API	<i>Application Programming Interface</i> (Interface de Programação de Aplicativos)

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1:	Implementação de um sistema com e sem a utilização de aspectos. . .	16
Figura 4.1:	Criando uma anotação.	26
Figura 4.2:	Utilizando uma anotação.	26
Figura 4.3:	Lendo uma anotação.	27
Figura 7.1:	Fluxograma de processos da JVM na execução de um agent (STÄRK; SCHMID; BÖRGER, 2001).	34
Figura 7.2:	Diagrama de classes.	35
Figura 7.3:	Diagrama de sequência.	37
Figura 7.4:	Implementação do método <code>premain</code>	39
Figura 7.5:	Conteúdo do arquivo de manifesto.	39
Figura 7.6:	Implementação do método <code>transform</code>	40
Figura 7.7:	Implementação do método <code>processClass</code>	40
Figura 7.8:	Implementação do método <code>addAdviceIfAnnotated</code>	41
Figura 7.9:	Implementação do método <code>addNativeAdvice</code>	41
Figura 7.10:	Implementação do método <code>addExtensionAdvice</code>	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1: Comparação entre conceitos de AOP e OOP (JACOBSON; NG, 2004). 17

RESUMO

Resumo ...

Palavras-chave: AOP, Bytecode Engineering, Meta-programação, Framework, SoC.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente o setor de desenvolvimento de software é um dos setores que mais cresce em todo o mundo, devido a esse grande crescimento a preocupação das empresas em desenvolver software de qualidade têm aumentado constantemente. A grande maioria das empresas atuantes no mercado, fazem uso do paradigma de Programação Orientada a Objetos (*Object Oriented Programming* - OOP) no desenvolvimento de seus softwares, com intuito de ter um produto manutenível e que se adapte a mudanças, mas com uma qualidade permanente.

Um dos principais motivos que fez com que OOP se tornasse um dos paradigmas mais utilizados foi a sua capacidade de encapsulamento, tornando o projeto de software mais claro, aumentando a reusabilidade de módulos, implementação simplificada e redução nos custos de manutenção. Porém existem interesses que não se aplicam à apenas um módulo, por exemplo o tratamento de exceções deveria estar encapsulado em um módulo distinto, mas na prática ele está espalhado por diversas partes da aplicação (diversos módulos). Estes interesses são chamados de interesses transversais (*crosscutting concerns*).

Para encapsular um interesse transversal em um módulo único surgiu o paradigma de Programação Orientada a Aspectos (*Aspect Oriented Programming* - AOP)¹ que é uma extensão de OOP. Quando AOP é utilizado juntamente com OOP, pode-se garantir que independentemente do tipo de interesse (interesse central ou interesse transversal) tem-se um sistema altamente modularizado, sem espalhamento ou entrelaçamento de código.

A maioria das linguagens orientada à objetos, possuem ferramentas ou até outras linguagens complementares que dão suporte a programação orientada a aspectos. A linguagem mais popular e madura que dá suporte a AOP para a linguagem Java é o AspectJ, que oferece diversos recursos e funcionalidades que auxiliam na projeção e execução de

¹Em AOP interesses transversais recebem o nome de "aspectos".

projetos utilizando OOP e AOP de forma conjunta.

Visando complementar e aumentar os estudos sobre AOP, decidiu-se desenvolver um *framework*², cujo objetivo é desenvolver uma funcionalidade genérica capaz de encapsular os interesses transversais de um sistema, com o intuito de aplicar os conceitos de AOP no desenvolvimento de softwares de forma simples e descomplicada, de forma que todo o código-fonte da ferramenta seja aberto para a comunidade de desenvolvedores e pesquisadores, podendo servir como uma base mais concreta para o estudo, desenvolvimento e aprimoramento de outros trabalhos.

1.1 Objetivo

Este trabalho tem como objetivo geral desenvolver um *framework* AOP de código-fonte aberto visando encapsular os interesses transversais de um sistema Java.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- Entender os principais conceitos de AOP.
- Aplicar os conceitos fundamentais de AOP no desenvolvimento de um *framework* de código aberto.
- Utilizar técnicas de *Bytecode Engineering*.
- Desenvolver um estudo de caso de instrumentação para demonstrar as funcionalidades do *framework* desenvolvido.

1.2 Motivação

Existe uma variedade de ferramentas que implementam os conceitos de AOP, porém estas ferramentas não servem de base para outros estudos, por não oferecerem informações concretas, ou robustas sobre o real funcionamento interno das mesmas, fazendo com que pesquisadores e estudiosos que desejam ingressar e aprofundar-se dentro deste paradigma tenham uma grande dificuldade ao encontrar um ponto de partida. Por este motivo este trabalho propõe não só demonstrar o uso e o desenvolvimento de um *framework* AOP, mas também oferecer uma base concreta e prática, buscando incentivar e facilitar a aprendizagem e o entendimento do paradigma.

²Uma abstração entre classes comuns entre vários projetos, provendo uma funcionalidade genérica.

1.3 Resumo dos capítulos

Este trabalho está dividido em 9 capítulos, abaixo uma pequena descrição de cada um deles:

Capítulo 1 este capítulo traz uma visão geral do problema, também descreve os objetivos e a motivação encontrada para a realização deste trabalho.

Capítulo 2 este capítulo aborda os principais conceitos de Programação Orientada a Aspectos, e os principais benefícios no uso deste paradigma.

Capítulo 3 este capítulo descreve os conceitos básicos de *bytecode* e *Bytecode Engineering*, introduz também as principais ferramentas utilizadas na aplicação da técnica de *Bytecode Engineering*.

Capítulo 4 este capítulo descreve os principais conceitos de metaprogramação, reflexão e metadados. Aborda de forma prática o uso de anotações (metadados) na linguagem Java.

Capítulo 5 este capítulo fala de forma superficial sobre as tecnologias e ferramentas utilizadas na realização deste trabalho.

Capítulo 6 este capítulo descreve de forma clara e objetiva as soluções já existentes, comentando as vantagens e desvantagens de cada solução.

Capítulo 7 este capítulo descreve todas as características do projeto, desde a parte de análise até a implementação.

Capítulo 8 neste capítulo será desenvolvido um estudo de caso para comprovar as funcionalidades do framework.

Capítulo 9 este capítulo descreve os pontos fortes e fracos do trabalho, trabalhos futuros e outras conclusões sobre o projeto.

2 ASPECT ORIENTED PROGRAMMING

Neste capítulo será abordado de forma geral o paradigma de programação orientada a aspectos. Será falado um pouco da história deste paradigma, passando de forma objetiva pelos principais conceitos e benefícios, trazendo as informações necessárias para a compreensão superficial deste paradigma.

2.1 Definição

AOP é um paradigma de programação que foi construído tomando como base outros paradigmas (OOP e *procedural programming*), cujo o principal objetivo seria a modularização de interesses transversais, utilizando um dos paradigmas base na implementação dos interesses centrais. A forma como AOP e o paradigma base se integram se dá com a utilização de aspectos que determinam a forma como os diferentes módulos se relacionam entre si na formação do sistema final (LADDAD, 2003).

2.2 História

Após um grande período de estudos, pesquisadores chegaram a conclusão que para desenvolver um software de qualidade era fundamental separar os interesses do sistema, ou seja, deveria então ser aplicado o princípio de *Separation of Concerns* (SoC)¹. Em 1972, David Parnas escreveu um artigo, que tinha como proposta aplicar SoC através de um processo de modularização, onde cada módulo deveria esconder as suas decisões de outros módulos. Passado alguns anos, pesquisadores continuaram a estudar diversas formas de separação de interesses. OOP foi a melhor, se tratando de separação de interesses centrais, mas quando se tratava de interesses transversais, acabava deixando a

¹Para saber mais sobre SoC consulte o Glossário ao final deste texto.

desejar. Diversas metodologias — *generative programming*, *meta-programming*, *reflective programming*, *compositional filtering*, *adaptive programming*, *subject-oriented programming*, *aspect oriented programming*, e *intentional programming* — surgiram como possíveis abordagens para modularização de interesses transversais. AOP acabou se tornando a mais popular entre elas (LADDAD, 2003).

Em 1997 Gregor Kiczales e sua equipe descreveram de forma sólida o conceito de Programação Orientada a Aspectos, durante um trabalho de pesquisa realizado pelo PARC, uma subsidiária da *Xerox Corporation*. O documento descreve uma solução complementar a OOP, ou seja, seriam utilizados aspectos para encapsular as preocupações transversais, de forma a garantir a reutilização por outros módulos de um sistema. Sugeriu também diversas implementações de AOP, servindo como base para a criação do AspectJ², uma linguagem AOP muito difundida nos dias de hoje (GROVES, 2013).

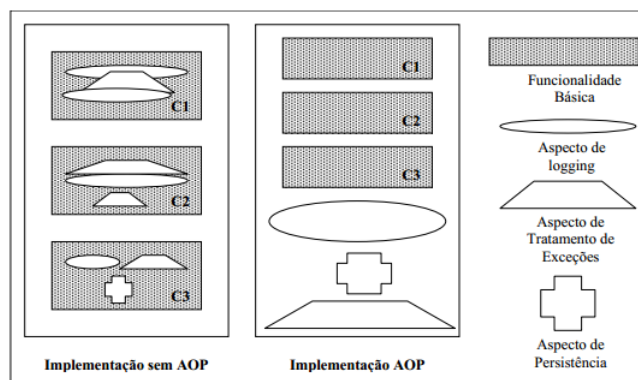


Figura 2.1: Implementação de um sistema com e sem a utilização de aspectos.
Fonte: (STEINMACHER, 2003).

2.3 Principais conceitos

Para entender melhor o funcionamento de AOP, é preciso compreender seus principais conceitos.

Os 6 principais conceitos de AOP são:

Aspecto (*aspect*) - pode ser definido como um interesse transversal, ou seja, interesse onde sua implementação é espalhada por diversos módulos ou componentes de um sistema.

²No final dos anos 90, a Xerox Corporation, transferiu o projeto AspectJ para a comunidade *Open Source* em eclipse.org.

Ponto de junção (*joinpoint*) - pode ser definido basicamente como pontos bem definidos na execução de um programa.

Ponto de corte (*pointcut*) - em AOP um *pointcut* pode ser representado como um agrupamento de pontos de junção.

Conselho (*advice*) - é a implementação de determinado interesse transversal, sendo executado quando determinado *pointcut* é ativado, podendo ser executado antes (*before*), em torno (*around*) ou depois (*after*) da execução de um ponto de junção.

Introdução (*introduction*) - é quando um aspecto introduz algumas mudanças em classes, interfaces, métodos. Por exemplo, pode-se acrescentar uma variável ou método a uma classe existente (LADDAD, 2003).

Combinador (*weaver*) - é a ferramenta responsável pela combinação dos interesses centrais com os interesses transversais do sistema, ou seja, é o momento de integração destes interesses na formação do sistema final.

Pode-se comparar também a complexidade de alguns conceitos de AOP com os principais conceitos de OOP:

Tabela 2.1: Comparação entre conceitos de AOP e OOP (JACOBSON; NG, 2004).

AOP	OOP
Aspecto	Classe
Conselho	Método
Ponto de junção	Atributo

Pointcut não se encaixa em termos de complexidade em nenhum conceito de orientação a objetos, mas podemos comparar um *pointcut* com um gatilho (*trigger*) da linguagem SQL (*Structured Query Language*) (JACOBSON; NG, 2004).

2.3.1 Tipos de combinação

Uma importante decisão de projeto que deve ser tomada, ao planejar uma ferramenta ou linguagem AOP, é o tipo de combinação que será utilizada na integração dos interesses. Existem dois tipos de combinação:

Estática consiste na modificação de bytecodes em tempo de compilação, para integração dos interesses centrais e transversais. Possui um desempenho maior em relação a

combinação dinâmica, por ser um processo que necessita de menos passos para ser concluído (STEINMACHER, 2003).

Dinâmica a combinação é feita em tempo de execução e oferece maior flexibilidade ao programador podendo alterar, modificar e remover aspectos. Porém o desempenho do sistema é afetado, podendo causar também erros durante a execução do programa (STEINMACHER, 2003).

2.4 Benefícios

De forma geral pode-se dizer que todo paradigma possui seus prós e contras, sendo assim, dificilmente será encontrada uma metodologia que resolva todos os problemas da melhor maneira. Com AOP não é diferente, mas deve-se considerar sua larga escala de benefícios:

- Separação de interesses e Alta modularização - com AOP pode-se separar o projeto em módulos distintos, possuindo assim um acoplamento mínimo que elimina o código duplicado, fazendo com que o sistema fique muito mais fácil de entender e manter (LADDAD, 2003).
- Fácil evolução - utilizando AOP o sistema fica muito mais flexível quando se trata da adição de novas funcionalidades, fazendo com que a resposta às exigências se tornem mais rápidas.
- Foco na prioridade - o arquiteto do projeto pode se concentrar nos requisitos básicos atuais do sistema, os novos requisitos que abordam interesses transversais podem ser tratados facilmente com a criação de novos aspectos. AOP trabalha em harmonia com métodos ágeis, por exemplo apóia a prática YAGNI ("*You aren't gonna need it*")³, do *Extreme Programming* (XP)⁴ (LADDAD, 2003).
- Maior reutilização de código - a chave para a reutilização de código definitiva é uma implementação flexível, com AOP é possível pois cada aspecto é implementado como um módulo distinto, se tornando adaptável a implementações equivalentes convencionais (LADDAD, 2003).

³Em português significa "Você não vai precisar dele". Para saber mais sobre YAGNI consulte o Glossário.

⁴É um dos métodos ágeis mais utilizados nos dias atuais.

- Aumento na produtividade - o ciclo do projeto se torna mais rápido, a grande reutilização usada em AOP, faz com que o tempo de desenvolvimento seja reduzido, diminuindo também o tempo de implantação e o tempo de resposta às novas exigências de mercado (LADDAD, 2003).
- Redução de custos e aumento da qualidade - com a implementação dos interesses transversais em módulos distintos, o custo de implementação cai bastante, fazendo com que o desenvolvedor concentre-se mais nos interesses centrais, criando um produto de qualidade e com o custo reduzido.

2.5 Considerações finais

Neste capítulo foi definido os principais conceitos de AOP, que serão tomados como base para o desenvolvimento deste trabalho . Também foi possível perceber a importância em utilizar AOP como paradigma responsável pela modularização dos interesses transversais.

3 BYTECODE ENGINEERING

Neste capítulo serão abordados alguns conceitos fundamentais de *bytecode*, também será definida a técnica de *Bytecode Engineering*, apresentando algumas vantagens em sua utilização e ferramentas que podem ser utilizadas para aplicar esta técnica.

3.1 Fundamentos de bytecode

Basicamente pode-se dizer que *bytecode* é a linguagem intermediária entre o código fonte e o código de máquina, que faz com que os programas Java possam ser executados em múltiplas plataformas. O documento responsável pela definição de *bytecode* é a Especificação da Máquina Virtual Java (*Java Virtual Machine Specification*)¹ que descreve também os conceitos da linguagem, formato dos arquivos de classes, os requisitos da *Java Virtual Machine* (JVM), entre outros (KALINOVSKY, 2004).

A JVM que executa sobre o sistema operacional, é responsável pelo ambiente de execução dos programas Java, sendo também a responsável pela conversão de instruções de *bytecode* Java em instruções nativas de máquina (STÄRK; SCHMID; BÖRGER, 2001).

3.2 Definição

Bytecode Engineering é uma técnica normalmente utilizada para criação, manipulação e modificação de classes Java compiladas à nível de *bytecode*. Muitas tecnologias utilizam esta técnica para otimizar, ou melhorar classes já existentes.

¹ Pode ser acessada em : <http://docs.oracle.com/javase/specs/jls/se8/jls8.pdf>

3.3 Vantagens

Dentre as principais vantagens em utilizar *Bytecode Engineering* estão:

- Consegue-se manipular o *bytecode* sem a necessidade de recompilação, ou obtenção do código fonte original.
- O *bytecode* pode ser gerado ou instrumentado por *class loader* em tempo real, enquanto as classes são carregadas em uma JVM (KALINOVSKY, 2004).
- É muito mais fácil e rápido automatizar a geração de *bytecode* por ser um processo mais baixo nível e também por não haver a necessidade de execução do compilador, ao contrário da geração de código fonte que possui alguns passos a mais no seu processo, e também necessita da execução do compilador (KALINOVSKY, 2004).
- Instrumentar métodos, tendo como objetivo a inserção de lógica adicional, que não necessita estar nos arquivos de código fonte. Por exemplo, pode-se deixar no arquivo fonte apenas os interesses centrais do sistema, e incluir os interesses transversais utilizando *Bytecode Engineering*.

3.4 Ferramentas

Pode-se dizer que a manipulação direta de *bytecode* é uma tarefa complexa, pois se trata de uma linguagem de baixo nível, e o aprendizado desta linguagem para programadores de alto nível, tende a ser muito lenta, fazendo com que seja inviável o seu aprendizado dentro do escopo de um projeto.

Pensando neste problema, foram criadas algumas bibliotecas que tornam o processo de manipulação de *bytecode* mais alto nível, facilitando o seu aprendizado. As bibliotecas mais utilizadas que aplicam a técnica de *Bytecode Engineering* são: *Javassist*, *Byte Code Engineering Library (BCEL)* e *ASM*.

3.4.1 Javassist

Javassist (Assistente de Programação Java) é uma biblioteca de classes utilizada na manipulação de *bytecode* em Java, permitindo que classes sejam criadas em tempo de execução e manipuladas no tempo de carregamento da JVM. A principal diferença do

Javassist para outros manipuladores de *bytecode*, é que Javassist possui API no nível de código fonte e no nível de *bytecode* (CHIBA, 2013).

3.4.2 BCEL

BCEL tem como objetivo oferecer aos usuários (desenvolvedores) uma maneira conveniente de analisar, criar, manipular arquivos de classe Java (binário). No BCEL as classes são representadas por objetos que contêm todas as suas informações (métodos, campos e instruções de *bytecode*) (BCEL, 2014).

3.4.3 ASM

ASM é uma estrutura de manipulação de *bytecode* Java. Ela pode ser usada para gerar classes dinamicamente, diretamente na forma binária, ou modificar dinamicamente as classes em tempo de carregamento, ou seja, antes de serem carregados pela JVM. ASM oferece funcionalidades semelhantes ao BCEL, mas é muito menor e mais rápido do que essa ferramenta (JAVA-SOURCE, 2012).

3.5 Considerações finais

Pode-se perceber que a manipulação de bytecodes não requer necessariamente conhecimentos específicos de *bytecode*, além do mais existem uma variedade de frameworks que fazem o trabalho "pesado", possibilitando a manipulação utilizando uma API de mais alto nível. Os conceitos abordados neste capítulo auxiliam o entendimento do trabalho em capítulos futuros.

4 METAPROGRAMAÇÃO

Neste capítulo serão introduzidos os principais conceitos de metaprogramação, falando também dos principais benefícios em aplicar esta metodologia em seus programas. Também é apresentado neste capítulo informações relevantes sobre o uso de anotações e reflexão na linguagem Java.

4.1 Definição

Metaprogramação por sua vez, pode ser definida como sendo um programa de computador que escreve e/ou manipula programas em tempo de execução ou compilação, fazendo com que o programa se adapte a diferentes circunstâncias, podendo controlar, monitorar ou invocar a si mesmo, visando alcançar as funcionalidades desejadas (HAZZARD; BOCK, 2013).

4.2 Benefícios

O uso de metaprogramação no desenvolvimento de software pode trazer uma série de benefícios tanto para a empresa, quanto para o desenvolvedor, entre alguns dos principais benefícios estão:

- Simplicidade - com metaprogramação tem-se a possibilidade de adaptar um único bloco de código a diversas situações, sem a necessidade de geração de código, fazendo com que as classes se tornem simples e ao mesmo tempo pequenas em comparação a outros programas que não usam esta abordagem.
- Adaptação em tempo real - pode-se fazer uma análise minuciosa do programa em tempo de execução, fazendo com que alterações no modelo de dados da aplica-

ção sejam percebidas em tempo real, ou seja, pode-se tornar o sistema altamente configurável sem a necessidade de compilação do projeto.

4.3 Principais conceitos

Para entender melhor a metaprogramação, é necessário compreender seus princípios (conceitos) básicos:

Metalinguagem linguagem usada para escrever um metaprograma.

Metaprograma representa um conjunto de componentes semelhantes que contém funcionalidades diferentes, que podem ser instanciados através de parametrização de modo a criar uma instância do componente específico (DAMAŠEVIČIUS; ŠTUIKYS, 2008).

Metadados são dados estruturados ou codificados que descrevem as características das entidades, portando informações que visam auxiliar na identificação, descoberta, avaliação e gestão das entidades descritas (ASSOCIATION et al., 1999).

Reflexão é a capacidade de um programa em observar e modificar, possivelmente, a sua estrutura e comportamento, fazendo com que a própria linguagem de programação faça o papel de metalinguagem (MALENFANT; JACQUES; DEMERS, 1996).

4.4 Anotações em Java

Metadados estão disponíveis na linguagem Java a partir da versão 5, representados através de anotações (*annotations*), sendo apresentada como uma das principais novidades no lançamento desta versão.

4.4.1 Definição

Uma anotação associa uma informação arbitrária ou um metadado com um elemento de um programa Java. Cada anotação tem um nome e zero ou mais membros. Cada membro tem um nome e um valor, e são estes pares *nome = valor* que carregam as informações da anotação (FLANAGAN, 2005).

Anotações são um tipo especial de interface, designado pelo caractere @ que é precedido da palavra-chave *interface*. Anotações são aplicadas aos elementos do programa,

ou também em outras anotações, com o intuito de fornecer informações adicionais (ARNOLD; GOSLING; HOLMES, 2000).

4.4.2 Conceitos

As anotações em Java possuem alguns conceitos importantes que devem ser compreendidos:

Tipo de anotação (*annotation type*) - O nome de uma anotação, bem como os nomes, tipos e valores padrão de seus membros são definidos pelo tipo de anotação. Um tipo de anotação é essencialmente uma interface Java com algumas restrições sobre seus membros (FLANAGAN, 2005).

Membro de anotação (*annotation member*) - Os membros de uma anotação são declarados em um tipo de anotação como métodos sem argumentos. O nome do método e o tipo de retorno define o nome e o tipo do membro (FLANAGAN, 2005).

Anotação marcadora (*marker annotation*) - É um tipo de anotação que não define membros, ou seja, uma anotação desse tipo traz informações simplesmente pela sua presença ou ausência (FLANAGAN, 2005).

Meta-anotação (*meta-annotation*) - são anotações utilizadas para descrever o comportamento de um tipo de anotação (HORSTMANN; CORNELL, 2004).

Alvo (*target*) - elemento do programa que será anotado.

Retenção (*retention*) - é a especificação do tempo em que a informação contida na anotação é mantida. A especificação deste tempo é feita através de uma meta-anotação (FLANAGAN, 2005).

4.4.3 Utilidades

Utilizando anotações em Java pode-se adicionar diversas funcionalidades e recursos ao *software*, sem que haja dependências entre as classes.

Dentre as principais utilidades em usar anotações estão:

- Fornecer informações ao compilador - por exemplo, pode-se utilizar este recurso para detectar erros específicos em determinada parte do programa em tempo de

compilação, também pode-se informar ao compilador que ignore determinados tipos de avisos, etc.

- Processamento em tempo de compilação - normalmente utiliza-se este recurso através de ferramentas capazes de processar anotações, com o intuito de gerar código, arquivos, etc.
- Processamento em tempo de execução - pode-se utilizar para marcar elementos, com o objetivo de ler sua estrutura (tipo, modificadores de acesso, etc) através de reflexão em tempo de execução, fazendo com que o programa se adapte a determinadas situações.

4.4.4 Exemplo

Na figura 4.1 é mostrado como criar uma anotação básica, que terá como alvo uma classe, e estará visível em tempo de execução, e também irá possuir um membro cujo tipo é uma *String*.

```
import java.lang.annotation.*;

@Target(ElementType.TYPE) //alvo da anotação vai ser uma classe
@Retention(RetentionPolicy.RUNTIME) // a anotação estará visível em tempo de execução
public @interface Configuracao { //tipo da anotação

    String ipServidor(); //membro da anotação
}
```

Figura 4.1: Criando uma anotação.
Fonte: Autoria própria.

Na figura 4.2 é mostrado como utilizar a anotação criada na figura 4.1.

```
@Configuracao(ipServidor="10.1.1.50")
public class Terminal {

    //código da classe
}
```

Figura 4.2: Utilizando uma anotação.
Fonte: Autoria própria.

4.5 Reflexão em Java

Na linguagem Java pode-se utilizar reflexão por meio do pacote *java.lang.reflect*, juntamente com o pacote *java.lang* que contém as classes *Class* e *Package*, e *java.lang.annotation*

que faz referência à classe *Annotation*. Este conjunto de pacotes oferecem uma variedade de classes responsáveis pela leitura e modificação da estrutura de um programa em tempo de execução.

4.5.1 Aplicações

Normalmente utiliza-se reflexão para tomar alguma decisão com base na estrutura do programa, ou apenas mostrar informações sobre ela, ou seja, utiliza-se o(s) pacote(s) de reflexão do Java para descobrir diversos tipos de informações relacionadas com a estrutura de classes, métodos, atributos e etc. Também pode-se utilizar reflexão para instanciar objetos de um tipo determinado, invocar método(s) de uma classe específica, ler anotações, entre outros.

4.5.2 Funcionamento

A reflexão em um programa Java tem início a partir de um objeto do tipo *Class*. Com um objeto do tipo *Class* pode-se obter sua lista completa de membros (métodos, atributos) e informações sobre eles, podendo descobrir também todos os tipos desta classe (interfaces que implementa, classes que estende), e descobrir informações sobre a própria classe, como os modificadores aplicados a ela (*public*, *protected*, *private*, etc) (ARNOLD; GOSLING; HOLMES, 2000).

4.5.3 Lendo anotações

```
public class Configurador {  
    public static void main(String[] args) {  
        Terminal terminal = new Terminal();  
  
        //pega a classe  
        Class classe = terminal.getClass();  
  
        // verifica se a anotação Configuracao esta presente no terminal  
        if(classe.isAnnotationPresent(Configuracao.class))  
        {  
            //pega a anotação Configuracao em terminal  
            Configuracao conf = (Configuracao)classe.getAnnotation(Configuracao.class);  
            //mostra o valor do membro de anotação ipServidor  
            System.out.println(conf.ipServidor());  
        }  
    }  
}
```

Figura 4.3: Lendo uma anotação.

Fonte: Autoria própria.

Os pacotes utilizados para reflexão possuem uma API¹ de fácil entendimento, e que oferecem suporte à leitura de anotações.

Na figura 4.3 é mostrado como ler anotações presentes em classes, e também como ler informações presentes nos membros de uma anotação.

4.6 Considerações finais

Este capítulo apresentou os principais conceitos de Metaprogramação, Reflexão e Metadados. Também foi abordado neste capítulo a utilização superficial da API de reflexão e metadados da linguagem Java.

¹Visite: "<http://docs.oracle.com/javase/7/docs/api/>" para saber mais sobre a api.

5 TECNOLOGIAS E FERRAMENTAS UTILIZADAS

Este capítulo apresenta de forma clara e objetiva as tecnologias e ferramentas que serão utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho, apresentando os motivos que fizeram com que estas ferramentas e tecnologias fossem as escolhidas para este estudo.

5.1 Eclipse

O projeto Eclipse foi inicialmente criado pela IBM no ano de 2001. No ano de 2004 foi criada a Eclipse Foundation, uma corporação sem fins lucrativos, visando desenvolver tecnologias de código-fonte aberto com o intuito de incentivar os desenvolvedores de software a usar a tecnologia Eclipse para a construção de seus produtos e serviços de software comercial (MILINKOVICH, 2008).

O Eclipse foi escolhido como Ambiente de Desenvolvimento Integrado (*Integrated Development Environment - IDE*) para a realização deste trabalho, por ser um dos mais utilizados no desenvolvimento de *software* utilizando a linguagem Java, e também por oferecer diversas ferramentas que facilitam e agilizam o desenvolvimento do(s) projeto(s). Outra vantagem do Eclipse é que todas as ferramentas são oferecidas gratuitamente para uso comercial e não-comercial.

5.2 Java 7

Java é uma linguagem de programação e plataforma computacional lançada pela primeira vez pela Sun Microsystems em 1995. O paradigma de programação que mais caracteriza a linguagem Java é OOP, e uma das características que justifica a enorme compatibilidade com diversos aparelhos é a portabilidade da plataforma, que roda independentemente do sistema operacional (STÄRK; SCHMID; BÖRGER, 2001).

A proposta do trabalho justifica a escolha de Java como linguagem de programação, pois os principais objetivos envolvem um *framework* AOP para linguagem Java e a utilização de técnicas de *bytecode enginnering*. Será utilizado a versão 7, por ser uma versão que dispõe de diversos recursos e estabilidade alta.

5.3 JavaAgent

Agentes Java são componentes de *software* que oferecem recursos de instrumentação de aplicações, recurso este que foi introduzido a partir da versão 5 do Java. No contexto dos agentes, instrumentação fornece a capacidade de re-definir o conteúdo da classe que é carregada em tempo de execução (SRINIVASAN, 2011).

Este recurso da linguagem java será utilizado neste trabalho para interceptação das classes, com a finalidade de desenvolver o combinador de aspectos (*weaver aspects*), responsável pela formação do sistema final.

5.4 Javassist

Javassist é uma biblioteca de *bytecode enginnering* desenvolvida em cima da linguagem Java e que fornece uma API de mais alto nível em relação a outras bibliotecas do mesmo gênero (CHIBA, 2013).

A maioria das bibliotecas requerem um mínimo de conhecimentos de *bytecode*, Javassist trabalha de forma diferente, o usuário passa para a biblioteca cadeias de caracteres no formato de código-fonte, e a própria biblioteca se encarrega de transformar esta cadeia de caracteres de código de alto nível para a linguagem de *bytecode*.

A escolha da biblioteca Javassist para auxiliar na aplicação das técnicas de *Bytecode enginnering* se deu devido a sua facilidade no aprendizado, além de não requerer como pré-requisito conhecimentos de *bytecode*.

5.5 Considerações finais

Este capítulo apresentou de forma objetiva as principais ferramentas e tecnologias que serão utilizadas no desenvolvimento deste trabalho. Foi justificado de forma clara os motivos que contribuíram para a escolha destas ferramentas e tecnologias com o intuito de resolver o problema apresentado.

6 SOLUÇÕES EXISTENTES

Neste capítulo será abordado as características, vantagens e desvantagens dos projetos relacionados, e o que o conhecimento das estruturas das soluções existentes irão agregar no estudo e execução deste trabalho.

6.1 PostSharp

6.2 AspectJ

7 O FRAMEWORK

Este capítulo aborda em detalhes o *framework* desenvolvido, desde a parte de análise e projeto até a parte de implementação, explicando de forma clara os caminhos percorridos durante a evolução do trabalho.

7.1 Introdução

Para a realização da análise e desenvolvimento do *framework* fez-se necessário o estudo de diversos conceitos e tecnologias, cujo embasamento teórico se encontra nos capítulos anteriores. O trabalho apresentado se concentra em torno dos seguintes conceitos: Programação Orientada à Aspectos, *Bytecode Enginnering*, Metaprogramação (metadados e reflexão).

Para o desenvolvimento do framework foi utilizado o Kit de Desenvolvimento Java versão 7 (*Java Development Kit - JDK*), cuja versão é estável, proporcionando uma alta utilização e aceitação no mercado, fez-se uso também do Eclipse como ambiente de desenvolvimento de *software*, pois possui diversas ferramentas integradas que facilitam e agilizam a programação. Foi utilizado também a biblioteca Javassist, responsável por abstrair a forma como é criado, manipulado e modificado *bytecode* de classes Java em tempo de carregamento.

Este projeto tem por intenção estudar os principais conceitos de AOP, criando uma ferramenta para abstrair estes conceitos, de forma que facilite a aprendizagem, a aplicação prática e também sirva de base para outros estudos e pesquisas. A ferramenta projetada e desenvolvida será em forma de *framework*, que terá como metodologia de uso a utilização de anotações, com o intuito de facilitar a utilização por parte do desenvolvedor e também visando um código mais limpo, concentrando as informações principais do módulo em

forma de código, e as informações adicionais (conceitos de AOP) sobre as classes, métodos e atributos serão informadas em forma de metadados (anotações).

7.2 Análise e projeto

Nesta seção será apresentada a parte de análise e projeto do *framework*, visando o entendimento da estrutura, arquitetura e funcionamento da ferramenta.

7.2.1 Especificações do projeto

Para cumprimento dos objetivos propostos pelo projeto, foi definido algumas especificações que devem ser cumpridas para que o projeto seja considerado apto. Entre as principais especificações estão:

- A ferramenta deve ser capaz de encapsular os conceitos básicos de AOP (*joinpoint*, *advice*, *aspect* e *weaver*), visando uma funcionalidade genérica, que tem por objetivo separar os interesses centrais dos interesses transversais, concentrando cada interesse em seu devido módulo.
- A ferramenta terá a capacidade de interceptação de métodos, ou seja, executar algum bloco de código antes, depois ou em volta da chamada ao método interceptado, podendo também durante esta interceptação modificar o retorno do método (caso ele retorne alguma informação). Com base nessas informações pode-se definir que os *joinpoints* (pontos de junção) serão as chamadas dos métodos interceptados.
- Os *advices* (antes, depois ou em volta) serão implementados por meio de uma *interface*, que quando implementada deverá ser tratada pelo *weaver* (combinador) como sendo um aspecto. Para informar ao método o tipo de aspecto e *advice* que deverá ser executado na sua interceptação deve ser utilizado *annotations*.
- Para implementação do combinador deve ser utilizado técnicas de *Bytecode Engineering* para realizar modificações em classes já compiladas durante o carregamento destas classes para a Máquina Virtual do Java (JVM). O combinador será utilizado para integração dos interesses centrais com os interesses transversais durante o carregamento do sistema.

7.2.2 Fluxograma

A figura 7.1 mostra todos os processos realizados pela JVM quando é chamado um Agent junto à chamada de um sistema. O fluxograma foi desenvolvido utilizando ferramentas disponibilizadas em <http://cacao.com>.

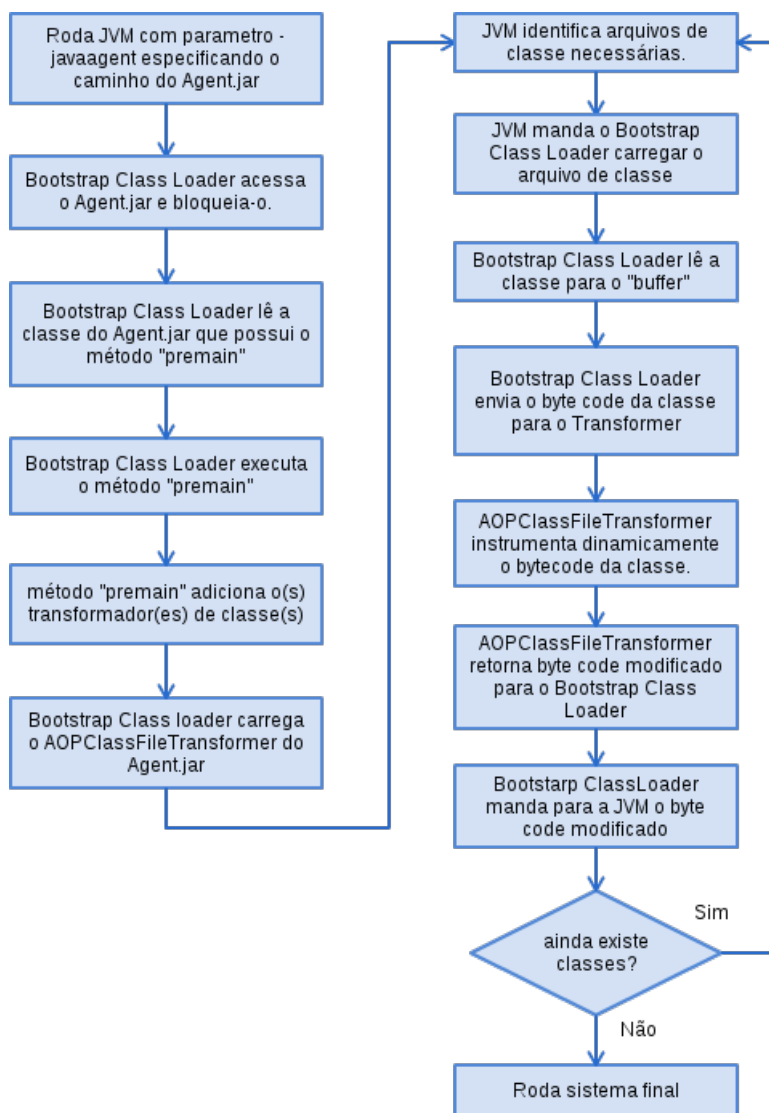


Figura 7.1: Fluxograma de processos da JVM na execução de um agent (STÄRK; SCHMID; BÖRGER, 2001).

7.2.3 Diagrama de classes

Na figura 7.2 é apresentado o diagrama de classes "simplificado" utilizado como base para a implementação do *framework*. Este diagrama serve para visualização do modelo de classes do sistema e seus relacionamentos, e foi construído com a ajuda da ferramenta *Astah Community 6.9.0*. Para ver o diagrama completo vá para o Apêndice A.

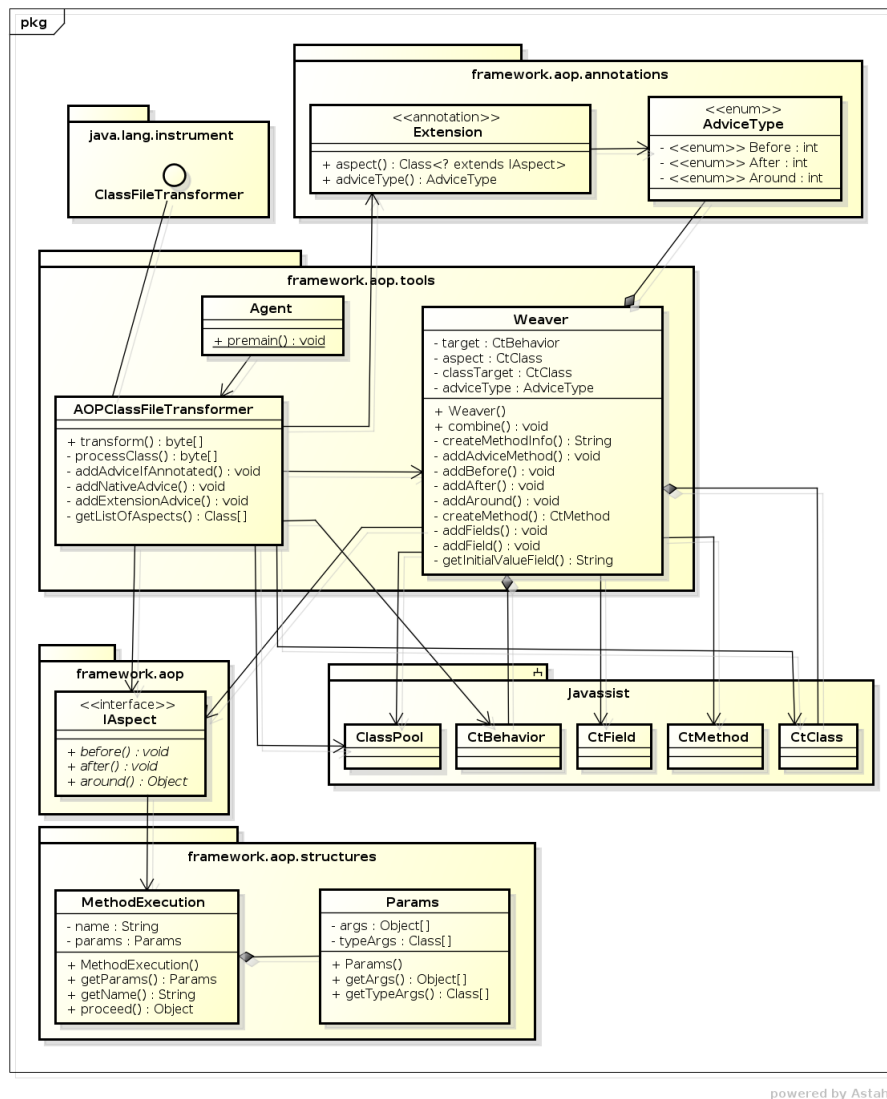


Figura 7.2: Diagrama de classes.

Abaixo está a descrição de cada uma das classes apresentadas no diagrama da figura 7.2:

Agent Esta é a classe que possui o `premain`, sendo assim é a classe principal do agente que será utilizado para interceptação das classes durante o seu carregamento para a JVM.

ClassFileTransformer Esta é uma interface que deve ser implementada por classes que desejam ser responsáveis pela modificação de outras classes antes do carregamento para a máquina virtual.

AOPClassFileTransformer Esta é a classe responsável por realizar e retornar para o *classLoader* (carregador de classes do Java) as classes já modificadas. Esta classe

implementa a *interface* `ClassFileTransformer`. É ela que faz a análise de quais classes vão ser combinadas, e quais as regras de combinação que devem ser consideradas para cada método.

Weaver Esta classe representa o combinador de aspectos, ou seja, é nesta classe que são feitas as combinações de módulos OOP com módulos AOP. As informações necessárias para combinação são recebidas de `AOPClassFileTransformer`.

AdviceType É um enumerado que representa o tipo de *advice*, pode ser *Before* (antes), *After* (depois) ou *Around* (em volta). Utilizado para representar o tipo de *advice* que está sendo combinado.

IAspect Esta é a *interface* que deve ser implementada pelo desenvolvedor (usuário do *framework*) para informar que a classe será interpretada pelo modificador como sendo um aspecto.

MethodExecution Representa o método que está sendo interceptado. Possui informações sobre os parâmetros do método, e também um método auxiliar, cuja função é continuar a execução do método interceptado.

Params Esta classe é responsável por encapsular (guardar) os tipos e valores dos parâmetros do método interceptado.

ClassPool (Javassist) Esta classe simula o *ClassLoader* do Java, esta classe é bastante utilizada para montar em forma de objeto as classes interceptadas.

CtClass (Javassist) Esta classe modela a estrutura de uma classe da linguagem Java, uma instância desta classe possui informações relevantes sobre ela e também métodos que navegam pela sua estrutura (métodos, atributos, construtores, etc).

CtBehavior (Javassist) Esta classe modela de forma genérica métodos e construtores. Ela oferece métodos que são bastante utilizados para adição de código para dentro do escopo de um construtor ou método.

CtMethod (Javassist) Esta classe é parecida com *CtBehavior*, porém modela apenas métodos, ou seja, possui algumas informações mais específicas sobre métodos.

CtField (Javassist) Esta classe modela um campo ou atributo de uma classe, possuindo uma gama de informações sobre eles e diversos métodos para possíveis modificações.

7.2.4 Diagrama de sequência

O diagrama de sequência foi utilizado para demonstrar a forma como se dá a chamada dos métodos durante o processo inicialização do Agent até a parte de modificação (combinação de classes e aspectos) de *bytecode* das classes interceptadas. Este diagrama pode ser visto na figura 7.3.

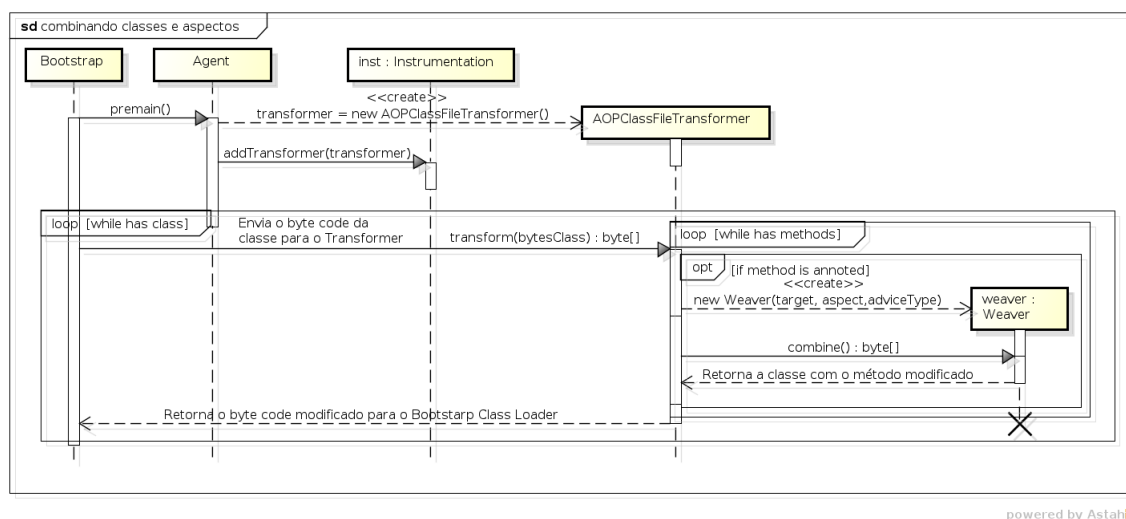


Figura 7.3: Diagrama de sequência.

O *Bootstrap Class Loader* é o carregador de classes inicial, ou seja, é ele que carrega as classes e bibliotecas padrões do Java para JVM (KALINOVSKY, 2004). O *Bootstrap Class Loader* é responsável por invocar (chamar) o método `premain` que por sua vez irá criar e adicionar o transformador de classes, neste caso `AOPClassFileTransformer`, que irá realizar a instrumentação do *bytecode* das classes antes de seu carregamento para JVM.

Após criado e adicionado o transformador pelo `premain` começa o processo de instrumentação, o *Bootstrap* pega o *bytecode* da classe interceptada e envia através do método `transform` para o transformador realizar possíveis modificações no *bytecode*.

O método `transform` por sua vez verifica todos os métodos da classe, procurando por métodos que utilizam algum tipo de aspecto de forma anotada, ou seja, métodos marcados com anotações específicas do *framework*. Se alguma anotação correspondente for

encontrada, então é recolhida as informações contidas nela (classe do aspecto, tipo de *advice*) e enviadas para o combinador junto ao método anotado, que a partir deste momento torna-se um método alvo de interceptação.

O combinador (*Weaver*) recebe as informações necessárias para realizar a combinação da classe interceptada e do aspecto informado na anotação. Após realizada a combinação, em todos os métodos anotados da classe, é retornado então para o *Bootstrap* o *bytecode* da classe já modificado. O processo citado acima se dá em todas as classes que estão sendo carregadas para JVM, basicamente pode-se dizer que estas classes interceptadas são as classes do sistema que está utilizando o *framework*. Maiores detalhes sobre a implementação do *framework* e o seu funcionamento são encontradas na seção 7.3.

7.3 Implementação

Nesta seção será abordada a forma como o *framework* foi implementada de forma detalhada. Também será das características e do funcionamento geral do *framework*.

7.3.1 Primeiros passos

Muitas pesquisas foram realizadas para encontrar as tecnologias capazes de suprir as necessidades do projeto, inicialmente sabia-se que deveria-se trabalhar em cima de algum *framework* para aplicar as técnicas de *Bytecode Enginerring* e também que deveria ser aplicada alguma técnica de interceptação ou em tempo de carregamento das classes, ou em tempo de compilação, para possíveis combinações.

Inicialmente foi realizado diversos testes utilizando a técnica de Processadores de Anotações (*Annotations Processors*), que é um recurso utilizado para ler as anotações que estão visíveis em tempo de compilação. A idéia central para a utilização de Processadores de Anotações era de ler as anotações das classes em tempo de compilação, verificar se havia regras de combinação nestas anotações e posteriormente realizar a combinação.

Esta abordagem não foi bem-sucedida pois em tempo de compilação não haveria a possibilidade de modificação das classes, pois o *framework* de *Bytecode Enginerring* utilizado (*Javassist*) só dá suporte á modificação em tempo de carregamento. Cogitou-se então 2 possíveis saídas: mudar o *framework* de *Bytecode Enginerring* ou mudar a forma de interceptação das classes.

Decidiu-se então mudar a técnica de interceptação de classes, pois a mudança de *fra-*

mework iria atrasar o andamento do projeto, pois outros *frameworks* disponíveis exigem conhecimentos específicos de *bytecode*, fazendo com que se tornasse inapropriado para o escopo do projeto. Foi neste momento que decidiu-se utilizar Java Agentes como abordagem de interceptação de classes.

7.3.2 Premain

O `premain` é o método responsável pela inicialização do *agent*. É dentro deste método que são adicionados o(s) transformador(es) de classes que irão realizar a interceptação. Como mostrado na figura 7.4 o método `premain` do nosso *agent* AOP adiciona o transformador `AOPClassFileTransformer` ao instrumentador.

```

17
18 class Agent {
19
20     public static void premain(String agentArgs, Instrumentation inst) {
21
22         inst.addTransformer(new AOPClassFileTransformer());
23     }
24 }

```

Figura 7.4: Implementação do método `premain`.

7.3.2.1 Manifesto

Existe uma configuração que deve ser feita para que o *agent* saiba qual classe possui o método `premain`. Esta configuração deve ser feita em um arquivo de manifesto cujo nome deve ser *Manifest.mf*, localizado dentro da pasta do projeto. A figura 7.5 mostra o conteúdo do arquivo.

```

1 Manifest-Version: 1.0
2 Premain-Class: framework.aop.tools.Agent
3 Boot-Class-Path: ../lib/javassist.jar

```

Figura 7.5: Conteúdo do arquivo de manifesto.

A linha 2 informa qual a classe possui o *premain*, e a linha 3 adiciona o *Javassist* ao caminho de classes do *agent*. Este manifesto vai ser utilizado no momento da construção do arquivo *.jar*.

7.3.3 Transform

Quando implementa-se a interface `ClassFileTransformer`, o desenvolvedor é obrigado a implementar o método `transform`, pois a idéia central do transforma-

dor de classes é receber e modificar o *bytecode* de uma classe, sendo que o recebimento destes *bytes* é feito pelo método `transform`, então obrigatoriamente ele deve estar implementado.

Na figura 7.6 é mostrado a forma de implementação do método `transform` da classe `AOPClassFileTransformer`.

```

24
25 class AOPClassFileTransformer implements ClassFileTransformer {
26
27     private String[] ignoredPackages = new String[] { "sun/", "java/", "javax/" };
28
29     public byte[] transform(ClassLoader loader, String className,
30                             Class<?> classBeingRedefined, ProtectionDomain protectionDomain,
31                             byte[] classfileBuffer) {
32
33         for (int i = 0; i < ignoredPackages.length; i++) {
34             if (className.startsWith(ignoredPackages[i])) {
35                 return classfileBuffer;
36             }
37         }
38         return processClass(className, classfileBuffer);
39     }

```

Figura 7.6: Implementação do método `transform`.

O `transform` armazena na variável `ignoredPackages` os pacotes que devem ser ignorados, ou seja, as classes que pertencem aos pacotes listados (classes padrão do Java) vão ser ignoradas pelo transformador, retornando para o *Bootstrap Class Loader* o seu *bytecode* original. Se a classe interceptada não for uma classe padrão do Java, então ela será processada pelo método `processClass`, cuja implementação está na figura 7.7.

```

41     private byte[] processClass(String className, byte[] bytes) {
42         ClassPool pool = ClassPool.getDefault();
43         CtClass cl = null;
44         try {
45             cl = pool.makeClass(new java.io.ByteArrayInputStream(bytes));
46
47             for (CtBehavior behavior : cl.getDeclaredBehaviors())
48             {
49                 for (Object a : behavior.getAnnotations())
50                 {
51                     this.addAdviceIfAnnotated((Annotation)a, behavior);
52                 }
53             }
54             bytes = cl.toBytecode();
55
56         } catch (Exception e) {
57             System.err.println("Não foi possível modificar a classe " + className
58                               + ", erro : " + e.toString());
59         } finally {
60             if (cl != null) cl.detach();
61         }
62         return bytes;
63     }

```

Figura 7.7: Implementação do método `processClass`.

Através do *bytecode* da classe que foi recebido por parâmetro, o método `processClass`, monta a classe recebida em um objeto do tipo `CtClass`. Objeto do tipo `CtClass` possuem informações sobre toda a estrutura de uma classe, sendo assim percorre-se todos os métodos existentes na classe em busca de métodos anotados. Para cada anotação existente em um método é invocada uma chamada ao método `addAdviceIfAnnotated`. A implementação deste método pode ser vista na figura 7.8.

```

65 private void addAdviceIfAnnotated(Annotation annotation, CtBehavior behavior)
66     throws NotFoundException
67 {
68     String typeAnnotation = annotation.annotationType().getName();
69
70     if(typeAnnotation.equals("framework.aop.annotations.Before") ||
71        typeAnnotation.equals("framework.aop.annotations.After") ||
72        typeAnnotation.equals("framework.aop.annotations.Around"))
73     {
74         this.addNativeAdvice(annotation, behavior);
75     }else
76     {
77         Annotation a = annotation.annotationType().getAnnotation(Extension.class);
78
79         if(a!=null)
80             this.addExtensionAdvice((Extension)a, behavior);
81     }
82 }

```

Figura 7.8: Implementação do método `addAdviceIfAnnotated`.

O método `addAdviceIfAnnotated` é responsável por verificar se a anotação presente no método é uma anotação suportada pelo *framework*, se for repassa a responsabilidade para o método mais apropriado para tratar o modelo de anotação utilizado.

Se a anotação for nativa é chamado o método `addNativeAdvice`, caso contrário ela será uma anotação de extensão, cujo método chamado será `addExtensionAdvice`. A implementação de `addNativeAdvice` e `addExtensionAdvice`, são mostradas nas figuras 7.9 e 7.10, respectivamente.

```

84 private void addNativeAdvice(Annotation annotation, CtBehavior behavior)
85 {
86     String typeAnnotation = annotation.annotationType().getSimpleName();
87     AdviceType adviceType = AdviceType.valueOf(typeAnnotation);
88
89     for(Class<? extends IAspect> aspect : this.getListOfAspects(annotation))
90     {
91         try
92         {
93             Weaver weaver = new Weaver(behavior, aspect, adviceType);
94             weaver.combine();
95
96         }catch(Exception e)
97         {
98             System.err.println(e.getMessage());
99         }
100     }
101 }

```

Figura 7.9: Implementação do método `addNativeAdvice`.

```

103 private void addExtensionAdvice(Extension extension, CtBehavior behavior)
104 {
105     try
106     {
107         Weaver weaver = new Weaver(behavior, extension.aspect(), extension.adviceType());
108         weaver.combine();
109     } catch (Exception e)
110     {
111         System.err.println(e.getMessage());
112     }
113 }
114 }

```

Figura 7.10: Implementação do método `addExtensionAdvice`.

O foco dos métodos representados nas figuras 7.9 e 7.10 se resume em recolher as informações contidas nas anotações (anotações nativas e de extensão), e posteriormente mandar as informações recolhidas para o combinador (*Weaver*). As informações que o combinador precisa receber são: método interceptado, aspecto e tipo de *advice*.

A classe *Weaver*, responsável pela combinação será detalhada na seção 7.3.4, neste mesmo capítulo.

7.3.3.1 Anotações nativas

As anotações nativas são anotações (*annotations*) utilizadas por padrão pelo *framework* para marcar o tipo de *advice* utilizado e a qual aspecto este *advice* pertence.

O *framework* possui 3 anotações nativas: `@Before`, `@After`, `@Around`. Sendo que todas elas recebem um parâmetro que representa o aspecto que possui o *advice*, da seguinte forma: `NomeDoAspecto.class`.

7.3.3.2 Anotações de extensão

As anotações de extensão foram criadas para oferecer ao desenvolvedor uma forma de estender as anotações nativas, dando-lhes a oportunidade de criar uma API mais simples e uma melhor descrição do interesse transversal implementado como aspecto.

Por exemplo se é criado um aspecto para modularizar a lógica de *cache*, sendo que esta lógica envolve apenas o *advice around*. De forma nativa a anotação utilizada para marcar a utilização de *cache* em um método seria a seguinte: `@Around(Cache.class)`. Por outro lado se o desenvolvedor criar uma anotação que estende a anotação `@Around`, ele pode conseguir o seguinte resultado na utilização: `@Cache`, obtendo uma leitura mais limpa e uma API personalizada. A criação e a utilização de anotações de extensão será demonstrada no capítulo 8 referente ao estudo de caso.

7.3.4 Combinador

8 ESTUDO DE CASO - INSTRUMENTAÇÃO

9 CONCLUSÃO

Conclusões ...

REFERÊNCIAS

- ARNOLD, K.; GOSLING, J.; HOLMES, D. **The Java programming language**. [S.l.]: Addison-wesley Reading, 2000. v.2.
- ASSOCIATION, A. L. et al. **Task Force on Metadata Summary Report**. [S.l.]: June, 1999.
- BCEL, A. C. **Apache Commons BCEL™**. Disponível em: <<http://commons.apache.org/proper/commons-bcel/>>. Acesso em: 20 Junho. 2014.
- BECK, K.; ANDRES, C. **Extreme programming explained: embrace change**. [S.l.]: Addison-Wesley Professional, 2004.
- CHIBA, S. **Javassist**. Disponível em: <<http://www.csg.ci.i.u-tokyo.ac.jp/~chiba/javassist/>>. Acesso em: 16 Junho. 2014.
- DAMAŠEVIČIUS, R.; ŠTUIKYS, V. Taxonomy of the fundamental concepts of meta-programming. **Information Technology and Control**, [S.l.], v.37, n.2, p.124–132, 2008.
- FLANAGAN, D. **Java in a Nutshell**. [S.l.]: O'Reilly Media, 2005.
- GROVES, M. D. **AOP in .NET**. [S.l.]: Manning Publ., 2013.
- HAZZARD, K.; BOCK, J. **Metaprogramming in .NET**. [S.l.]: Manning Pub., 2013.
- HORSTMANN, C. S.; CORNELL, G. **Core Java 2, Advanced Features, Vol. 2**. [S.l.]: Prentice Hall, 2004.
- JACOBSON, I.; NG, P.-W. **Aspect-oriented software development with use cases**. [S.l.]: Addison-Wesley Professional, 2004.
- JAVA-SOURCE. **Open Source ByteCode Libraries in Java**. Disponível em: <<http://java-source.net/open-source/bytecode-libraries>>. Acesso em: 20 Junho. 2014.
- KALINOVSKY, A. **Covert Java: techniques for decompiling, patching, and reverse engineering**. [S.l.]: Pearson Higher Education, 2004.
- LADDAD, R. **AspectJ in action: practical aspect-oriented programming**. [S.l.]: Manning, 2003.
- MALENFANT, J.; JACQUES, M.; DEMERS, F.-N. A tutorial on behavioral reflection and its implementation. In: REFLECTION, 1996. **Proceedings...** [S.l.: s.n.], 1996. v.96, p.1–20.

MILINKOVICH, M. **About the Eclipse Foundation.** Disponível em: <<http://www.eclipse.org/org/>>. Acesso em: 19 Outubro. 2014.

PRESSMAN, R. **Software engineering: a practitioner's approach.** [S.l.]: McGraw Hill, 2010.

SRINIVASAN, K. **Introduction to Java Agents.** Disponível em: <<http://www.javabeat.net/introduction-to-java-agents/>>. Acesso em: 19 Outubro. 2014.

STÄRK, R. F.; SCHMID, J.; BÖRGER, E. **Java and the Java virtual machine.** [S.l.]: Springer Heidelberg, 2001.

STEINMACHER, I. F. Estudo de Princípios para Modelagem Orientada a Aspectos. **Trabalho de Graduação. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR,** [S.l.], 2003.

GLOSSÁRIO

SoC é um princípio de projeto, criado com a finalidade de subdividir o problema em conjuntos de interesses tornando a resolução do problema mais fácil. Cada interesse fornece uma funcionalidade distinta, podendo ser validado independentemente das regras negócio (PRESSMAN, 2010).

YAGNI é um princípio de projeto, bastante usado em equipes XP, cuja principal finalidade é implementar apenas o necessário.

Extreme Programming XP é um estilo de desenvolvimento de software com foco em excelentes técnicas de programação, comunicação clara e trabalho em equipe, que permite grande produtividade no desenvolvimento (BECK; ANDRES, 2004).

Decorator é um padrão de projeto estrutural, cujo principal objetivo é adicionar funcionalidades a um objeto dinamicamente.

Proxy é um padrão de projeto estrutural, cujo principal objetivo é controlar as chamadas a um objeto através de outro objeto de mesma interface.

APÊNDICE A VERSÃO COMPLETA DOS DIAGRAMAS